

## Subversão e purpurina: Um estudo sobre o carnaval de rua não-oficial do Rio de Janeiro<sup>1</sup>

Flávia Magalhães Barroso<sup>2</sup>

Juliana Gonçalves<sup>3</sup>

### Resumo

O presente artigo tem por objetivo analisar o carnaval não-oficial do Rio de Janeiro que organiza desfiles de blocos de rua de forma independente. O movimento propõe a articulação de uma atmosfera carnavalesca menos regulada, de modo a elaborar espaços emancipatórios para os foliões. O carnaval é caracterizado por ser uma festa subversiva, onde é possível articular contrapontos a normas e regras da vida cotidiana. Tendo em vista isso, buscamos entender quais questões são colocadas por este grupo no carnaval carioca contemporâneo valendo-nos de uma de uma estratégia metodológica apoiada em pesquisa bibliográfica e documental, de modo a nos esclarecer sobre anseios, motivações e sensações coletivas que insurgem a partir de uma *práxis* inovadora e convictamente subversiva.

### Palavras-chave

Carnaval; Ativismo Musical; Espaço Público; Sociabilidade; Comunicação.

### Introdução

As festas são lugares de expressão coletiva sobre as sensações, expectativas, anseios e desejos presentes na vida cotidiana, de modo a apresentá-los de maneira ritualizada nas mais diversas formas celebrativas. A festividade é o domínio em que se criam atmosferas de expressão de concepções de mundo e de sensações e sentimentos do mundo-aqui. Ou seja, apesar de construírem-se em paralelo à vida cotidiana, as festividades estão amarradas a sensibilidade do mundo corrente. A festa é lugar em que se potencializam os desejos coletivos intrínsecos a existência humana, podendo relacionar-se de formas diversas com o cotidiano, apresentando aspectos a serem renovados, reafirmados ou negados a partir da articulação coletiva.

É interessante salientarmos, porém, que o fio condutor que liga a vida corrente com as expressões festivas não são traduções esquemáticas de concepções do mundo cotidiano,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Música e Entretenimento, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ. E-mail: [flavinhamagalhaes@hotmail.com](mailto:flavinhamagalhaes@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Comunicação pela UERJ e especialista em Comunicação e Imagem pela PUC-Rio. Email: [julianagoncalves89@gmail.com](mailto:julianagoncalves89@gmail.com)

mas sim uma expressão imersa no imaginário<sup>4</sup> (MAFFESOLI, 2006). A festa está relacionada ao campo dos ideais, ao campo da arte e da estética, ao campo das possibilidades e do êxtase, podendo articular, mesmo que provisoriamente, espaços de liberação de tabus, regras e verdades dominantes. Essa concepção dissonante das festividades nos interessa na medida em que elas podem nos apresentar formas de negação da ordem cotidiana vigente. Considerando essa potência em criar contrapontos à vida ordinária, o carnaval é uma festividade historicamente estudada a partir do seu caráter subversivo na abolição das engrenagens regulatórias da vida cotidiana. As festividades são rituais que podem neutralizar, negar e reafirmar questões do plano cotidiano e considerando isso, o interesse pela festa carnavalesca se dá na dimensão em que a mesma se propõe a pôr tudo de “cabeça para baixo” (DA MATTA, 1979.).

Para tanto, investigaremos a insurgência do movimento chamado "carnaval não-oficial" no Rio de Janeiro, onde blocos se organizam de forma independente nas ruelas do Centro da Cidade. Apesar dos blocos “clandestinos” apresentarem temáticas diversificadas, eles possuem uma proposta comum que é a negação a qualquer regulação do poder público, desfilando sem hora, local e percurso definidos e sem a autorização prévia da prefeitura, configurando um espaço menos regrado para os foliões. Entendendo que “a matéria-prima do mundo ritual é a mesma da vida diária” (DA MATTA, 1979, p.83), buscamos entender, a partir da análise de um carnaval propositalmente emancipatório, quais questões inerentes à vida cotidiana são colocadas nessas festividades. Para tanto nos utilizamos de uma estratégia metodológica amparada em pesquisa bibliográfica e documental em blogs, portais de jornais na Web e na observação participante.

### **Carnaval de Rua: Concepções Teóricas**

Bakhtin (1987) é referência de análise do espírito carnavalesco na sua face claramente subversiva, horizontal e livre. O teórico investigará o campo popular do riso medieval e se atentará às manifestações cômicas no espaço público. A festa carnavalesca é uma das formas mais marcantes do riso popular na Idade Média, tendo em vista seu caráter provisoriamente universal, onde os sujeitos anômicos atuam num espaço desregulado. O carnaval medieval é lugar de uma "segunda vida", (BAKHTIN, 1987) onde através do riso

---

<sup>4</sup> "No imaginário permanece uma dimensão ambiental, uma matriz, uma atmosfera (...). O imaginário é uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável. O imaginário, mesmo que seja difícil defini-lo, apresenta, claro, um elemento racional, ou razoável, mas também outros parâmetros, como o onírico, o lúdico, fantasia, o imaginativo, o afetivo, o não racional, o irracional, os sonhos, enfim, as construções mentais potencializadoras das chamadas práticas. De algum modo, o homem age por que sonha agir. O que chamo de “emocional” e de “afetual” são dimensões orgânicas do agir a partir do espírito."(MAFFESOLI, 2006, pg. 75-77)

e da festa os indivíduos se liberam das regras e verdades dominantes da vida corrente, um momento de ode à blasfêmia e a profanação. Abolem-se as divisões sociais de títulos, famílias e profissões e também a separação entre os mortais e divindades. O carnaval da praça pública medieval opõe-se à cultura oficial, a partir do estabelecimento provisório de uma ordem da "não-ordem", onde pode-se expressar sensações populares do mundo. Tendo em vista o caráter sério, religioso e altamente hierarquizado da sociedade medieval, a festa carnavalesca torna-se lugar de experiência da cultura popular na sua máxima potência. É no carnaval que as leis da cultura oficial são postas de lado a favor do que Bakhtin chama das leis do carnaval - as leis da liberdade - onde não existe divisão entre atores e espectadores, fidalgos e pobres, igreja e povo. O carnaval é uma forma concreta de vida, onde, de forma provisória, se expressam anseios e sensações individualizadas do corpo. O autor analisa o protagonismo do corpo carnavalesco que se entrega à vida festiva na sua forma ideal, material e espiritual. Na abolição das regras e tabus, o corpo não está mais distante dos outros corpos, assim como também não está separado do espírito; ou seja, a vida não está separada em esferas como trabalho, família, religião, e sim entregue a universalidade da festa de carnaval. O corpo e o espírito, material e imaterial, se articulam juntos na dramatização da própria vida, sem roteiro, cenário e sem palco. O carnaval é uma forma provisória e específica em que a vida teatraliza a própria vida.

Inspirado nas concepções de Bakhtin, Da Matta (1979) analisa o carnaval do Rio de Janeiro. O teórico investigará a relação complexa entre festividades tradicionais brasileiras e sua relação com o cotidiano. O carnaval é o maior feriado do calendário e está relacionado com o rompimento com o trabalho e com uma mudança radical na rotina. Apesar do caráter previsto do carnaval em relação ao seu espaço no calendário, o tempo carnavalesco é altamente marcado pela imprevisibilidade em função do seu caráter espontâneo: “é construído pela e para a sociedade” (DA MATTA, 1979, p.15). Diferentemente de outras festividades, o carnaval não possui uma conduta muito bem definida de regras, atribuindo-lhe um caráter popular, onde a festa pertence a todos. Nesse sentido, o teórico analisará o carnaval como uma festa individualizada, descentralizada e universal. Individualizada por estar atrelada fortemente à sensibilização do corpo e do desejo. Assim como investigado por Bakhtin, Da Matta entende que o carnaval abre espaço para que os indivíduos explorem a sensibilidade da carne seja na sua dimensão profana, risível, exagerada ou degradada, e dessa forma individualiza a ideia de corpo e desejo. O autor considera também como Bakhtin a universalidade da festa, tendo em vista que não há outra vida a se viver senão a

do carnaval. É uma festividade que acessa as diferentes camadas sociais, de modo ativar nas diferentes esferas e segmentos a sensação de abolição da plausibilidade aparente do mundo cotidiano. Sobretudo, por isso, Da Matta (1979) considera que o carnaval é a festa da descentralização, onde não existem centros de poder, ou mesmo papéis protagonistas, tendo em vista que o protagonismo é entregue ao corpo de todos os sujeitos anômicos.

As perspectivas dos teóricos acima nos colocam uma questão contextual, tendo em vista que estão falando sobre outros tempos históricos. Buscamos recuperar suas análises de referência para entender de que forma esse espírito carnavalesco se faz presente nos dias de hoje. Num contexto pós-moderno<sup>5</sup> (MAFFESOLI, 1988) em que a ordenação fixa entre os sujeitos é substituída por demarcações sociais imersas num contexto fluido e pouco determinista, de quais amarras, normas e verdades dominantes estaríamos nos liberando no carnaval contemporâneo? Qual o campo de tensões estaríamos acessando através dessa vivência? As concepções de Bakhtin (1987) e de Da Matta (1979) servem, ainda que como inspiração, para falarmos sobre um espírito subversivo do carnaval nos dias de hoje?

A escolha por investigar o movimento do “carnaval não-oficial” do Rio de Janeiro se deu justamente por serem espaços convictamente desregulamentados, ou seja, que tem como proposta a articulação de uma atmosfera essencialmente livre e subversiva. Se o carnaval é provisoriamente o tempo das liberdades, buscamos analisar como se constrói esse “mundo ideal” elaborado essencialmente a partir da ideia da emancipação do corpo carnavalesco.

### **O Carnaval Carioca: Diferentes Dimensões**

Entendemos que a atividade cultural festiva pode estar localizada nas manifestações tradicionais ou em outras de caráter mais ousado, de modo a ser articulada tanto por setores da cultura popular, da indústria cultural ou por outros encontros menos ordenados. Dentre os variados tipos de manifestação, os blocos não-oficiais fazem parte da construção cultural propositalmente menos ordenada e objetiva alcançar a máxima da liberação dos corpos, de

---

<sup>5</sup> Os diferentes conceitos presentes nas obras de Maffesoli estão diretamente ligados à perspectiva pós-moderna. Em suas obras, o teórico parte da insuficiência moderna em explicar o mundo para apresentar novas proposições e conceitos que atuem de forma mais congruente e próxima da realidade atual. Em sua obra “Elogio da Razão Sensível” (1998), o autor irá reavaliar os esquemas de pensamento, de modo a mostrar que a racionalidade, própria da dinâmica moderna, não consegue mais dar conta de abarcar o contemporâneo, então sugere novas propostas de análise baseadas no aspecto sensível das humanidades. Já em “O Tempo das Tribos” (1998), o autor abordará a formulação de grupos no contemporâneo, entendendo que as categorias fixas de identidade como classe, gênero e etnia não são as únicas forças a articular grupos de pertencimento. A análise do teórico nos é válida por recorrer ao contexto pós-moderno para embasar seus conceitos, de modo a servir de referencial para traduzir os movimentos da juventude e a experiência urbana atuais.

modo a questionar o modelo regulado e burocrático do carnaval do Rio de Janeiro<sup>6</sup>. Esta seção do trabalho pretende especificamente esclarecer que esta crítica, no entanto, não estabelece dicotomias ou oposições duras e conflituosas entre as diferentes formas de “fazer carnaval”. Esta questão é recorrente no discurso de participantes e organizadores dos blocos que enfatizam que a não-oficialidade do movimento se dá na proposição de um carnaval livre da regulação dos poderes institucionais e não em um movimento separatista oupositor às escolas de samba e aos blocos oficiais.

Tendo em vista isso, pretendemos fugir da busca vã pelo sentido autêntico do carnaval - caminho muitas vezes trilhado quando estabelecemos a dicotomia entre a oficialidade e não-oficialidade, privado e público, popular e não-popular. Entendemos que o sentido carnavalesco é inexoravelmente a festa da liberação dos afetos e da subversão, independente de sua organização formal ou informal justamente por estar intimamente ligado ao afeto, ao êxtase e ao prazer, aspectos esses alheios a regulação. Ou seja, é inútil buscar por autenticidade e pureza nas diferentes formas de carnaval. A festa carnavalesca se caracteriza justamente por ser uma festa “sem dono” (DA MATTA, 1979), onde não existem eixos de centralidade.

É interessante então compreendermos as diferentes formas de “fazer carnaval”, onde cada um toma a festa à sua maneira (MATTA, 1979). Na primeira República era possível notar provocações que se seguiam através de músicas, fantasias e desfiles entre os bailes de carnaval de inspiração Veneziana e o carnaval de rua (SIMAS, 2015). Da Matta (1979) também analisará esse tipo de comportamento no século XX, onde encontramos como protagonistas os blocos de rua e os desfiles de escola de samba. Os blocos de bairro, principalmente da Zona Norte, reivindicavam o “verdadeiro” sentido do carnaval em contraponto à ascensão dos desfiles das escolas de samba (DA MATTA, 1979). Os desfiles de escola de samba se organizam de forma mais ordenada, a partir de condutas e regras que se seguem dentro de um contexto de competição de performance. Em contraponto, os blocos de rua, nessa época, se concentram dentro dos bairros, a partir da exaltação das vizinhanças, onde a experiência do carnaval está mais voltada para o espontâneo, para o imprevisível das ruas (DA MATTA, 1979).

Os blocos de rua no século XX, analisa Da Matta (1979), se dividem nas suas particularidades, são eles os blocos de enredo, os blocos de embalo e blocos dos sujeitos. Os blocos de enredo desfilam de forma mais livre que os da Sapucaí por se localizarem nas

---

<sup>6</sup> O detalhamento sobre as normas atuais do carnaval de rua será analisado na sequência do artigo.

ruas dos bairros onde foram concebidos, mas possuem samba próprios e certa organização dos grupos. Os blocos de embalo não possuem ordem interna e possuem a missão de embalar quem estiver na rua, ou seja, não possuem necessariamente vínculos com o espaço específico. Os blocos sujos instigam a completa inversão de ordens sociais. Caracterizam-se por práticas agressivas e pela contravenção de normas sociais.

Assim como remonta a história, o movimento do carnaval “não-oficial” nos revela exatamente essa dimensão pouco definida e nada separatista entre as formas de fazer carnaval. Muitos entrevistados, por exemplo, citam que cresceram acompanhando desfiles de escola de samba e continuam acompanhando mesmo com críticas ao modelo “comercial” em que se desenvolve. Outros, participam da organização dos blocos não-oficiais, mas frequentam o carnaval da Sapucaí ou os desfiles dos blocos regulamentados pela prefeitura com infra-estrutura de trio elétrico e afins. Ou seja, não é possível determinar a experiência carnavalesca na oposição de suas diferentes esferas, mas o que nos parece mais interessante é notar as formas inventivas de relativização da ordem social que se constituem em cada uma dessas manifestações.

O que pretendemos dizer com isso é que os diferentes modelos de carnaval sempre estiveram presentes na cidade seja na sua estrutura mais comercial ou mais popular, logo não será objetivo da pesquisa colocar esses modelos em oposição, visto que a partir do estudo observamos que os próprios grupos buscam não se apresentar dessa forma. O movimento não-oficial dos blocos de carnaval está atrelado à insurgência de formas culturais e criativas de ocupação dos espaços público do Rio de Janeiro e por isso, reivindica, por exemplo, a emancipação dos cidadãos no uso da cidade. Isso, no entanto, não significa se opor às escolas de samba e aos blocos oficiais. É importante salientarmos aqui que a reivindicação, o questionamento e a subversão do carnaval não-oficial está direcionada aos órgãos públicos e aos poderes institucionais regulatórios e não às outras manifestações carnavalescas.

### **Ô Abre Alas: O Carnaval em Tempos de Disputa**

A não-oficialidade do carnaval carioca é cultural<sup>7</sup>, de modo que podemos identificar suas manifestações de caráter desregulamentado e até mesmo clandestino ao longo de toda

---

<sup>7</sup> Os festejos de Carnaval de rua chegaram ao Brasil com os portugueses a partir da prática do “entrudo”, onde as pessoas brincavam com objetos como farinha, água e limão de cheiro. Enquanto a festa de carnaval da elite se restringia aos bailes de máscaras à moda veneziana, era através do entrudo que a camada popular comemorava o carnaval. Em meados do século XIX, o entrudo passou a ser visto como algo sujo e foi proibido. A restrição a festa, no entanto, não surtiu efeito dada sua tamanha popularidade. Em 1846, José Nogueira de Azevedo Paredes, mais conhecido como ‘Zé Pereira’

a história. Podemos perceber, no entanto, que existem períodos cíclicos em que este caráter é mais presente. Nos anos 80, por exemplo, os blocos de rua no interior dos bairros renascem como resistência cultural popular após o fim da ditadura. A vontade de liberdade foi a força-motriz para a reorganização do carnaval de rua, de modo que a herança pós-ditadura determinou a associação entre as organizações carnavalescas à movimentos culturais que lutavam pela independência de suas ações e na negação do poder público (BARROS, 2013, p. 22). Tendo em vista que a festa está relacionada a aspectos de renovação e alternância, Bakhtin (1987) associa as festividades aos tempos de crise, onde as festas têm papel relevante em dar visibilidade a anseios populares de mudança da ordem. Essa perspectiva nos é oportuna para entender por que o movimento do carnaval de rua na sua face mais questionadora retoma lugar de protagonismo nos dias de hoje.

É possível notar a insurgência de movimentos culturais de rua no Rio de Janeiro baseado no ativismo musical (HERSCHMANN e FERNANDES, 2012) que realizam eventos gratuitos de modo colaborativo. Diferentes expressões culturais têm se organizado a partir da organização de coletivos<sup>8</sup> heterogêneos em suas concepções e propostas, ocupando o espaço público cada um à sua forma. Esse movimento, analisado por Fernandes e Herschmann no livro “Músicas nas Ruas do Rio de Janeiro” (2014), é oportuno por dar visibilidade à crescente disputa pela autonomia de ocupação dos espaços na cidade, principalmente na região do Centro. Desde o anúncio de que seria sede da Copa do Mundo, das Olimpíadas e das Paraolimpíadas a cidade vêm sofrendo grandes reformas urbanas, principalmente na região central da cidade. Uma série de projetos complexos foi colocada em prática em nome da modernização da região com alteração de rotas de trânsito, construção de prédios comerciais, construção de praças, reformulação de vias e ruas e etc. Estas práticas têm suscitado um intenso debate em relação aos benefícios dessas iniciativas. A falta de diálogo entre o poder público e as populações locais e os constantes posicionamentos autoritários do governo neste processo<sup>9</sup>, coloca a questão da apropriação dos espaços da cidade em voga, suscitando assim os mais diversos tipos de manifestações, dentre elas, destacamos aqui, as culturais e musicais.

---

adicionou mais elementos aos festejos clandestinos. Em um sábado de Carnaval, se reuniu com amigos e saiu as ruas com tambores e zabumbas. O gesto que passou a ser copiado ganhando adeptos em toda a cidade. Dessa forma, surgem os ranchos e os cordões de folia, manifestações que precederam as escolas de samba e os blocos carnavalescos que conhecemos hoje. (BARROS, 2013).

<sup>8</sup> "A formação de coletivos, virtuais ou não, se torna cada vez mais comum, extrapolando o circuito das artes e se espalhando por diferentes áreas da cultura, transformando as formas de viver, perceber e definir conceitos como produção, consumo, arte, entretenimento e política" (REZENDE, 2010, p.9).

<sup>9</sup> Para ver no detalhe os processos da reforma urbana na cidade ver “O projeto de revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro: os atores sociais e a produção do espaço urbano” (FERREIRA, 2010).

Os espaços urbanos são construídos a partir da sua dimensão espacial e do seu caráter social, não podendo uma existir sem a outra. Dessa forma, as relações sociais são sempre relações espaciais, ou seja, são relações mediadas tanto pelo social quanto pelo espaço (SANTOS, 1996). Tendo em vista isso, toda prática de mudança espacial está vinculada também a uma mudança de sua concepção social (FERREIRA, 2010). A reivindicação da sociedade em relação às reformas urbanas está vinculada a mudanças espaciais como a remoções de moradores, especulação imobiliária, inutilização de espaços tradicionais, regulação do lugar público, mas, além disso, está fortemente vinculada à disputa de sentido social. Este sentido social, por sua vez é intimamente ligado pela memória<sup>10</sup> e pela experiência sensível dos espaços. Ou seja, ligadas às práticas do cotidiano. Ou seja, é preciso apontarmos que além do sentido espacial em disputa, há também uma disputa por um sentido social que se elabora cotidianamente na cidade. Este é o cenário em que se montam uma série de atividades culturais que vão disputar estes sentidos na praça pública em suas mais diversas correntes. O carnaval não-oficial é uma das expressões relevantes que compõe essa atmosfera de disputa e conflito na cidade atualmente.

O cenário acima ainda tem ainda consequências específicas para o cenário do carnaval carioca. O incentivo público e privado para revitalização dos blocos foi incrementado após o anúncio dos mega-eventos na cidade. No período de 2000 a 2014, 294 novos blocos de carnaval foram criados e em 2016, 505 blocos foram registrados oficialmente<sup>11</sup>. O boom do carnaval de bloco fez com que regras e exigências cada vez mais rígidas fossem cobradas para o desfile programado dos blocos. Dentre as inúmeras regras exigidas estão laudos técnicos de segurança, pagamento de taxas para o corpo de bombeiros, hora de começo e término do desfile, percurso acordado com a guarda municipal, montagem de cercas e barreiras de proteção de praças e etc. O descumprimento dessas regras acarreta em multa e possível proibição do desfile no ano seguinte. Além das regras da prefeitura, as parcerias público-privadas (PPPs) são cada vez mais presentes na elaboração dos blocos e estabelecem restrições e exigências de propaganda durante o desfile. O patrocínio da Antarctica, empresa de cervejaria filiada à multinacional Ambev, por exemplo, proíbe a venda de cervejas concorrentes no carnaval de rua, de modo que apenas ambulantes licenciados pela empresa patrocinadora podem vender bebidas nos

<sup>10</sup> Ver livro “Roda de Saberes do Cais do Valongo” que documenta uma série de atividades culturais dadas na Zona Portuária na manutenção de espaços de sociabilidade da cultura africana, tendo vista a importância da área como porto de chegada de escravos.

<sup>11</sup> Dados retirados do site da Riotur. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/riotur>



blocos. Em contraponto a este modelo carnavalesco altamente restrito e regulatório e a partir do cenário reivindicatório da apropriação dos espaços na cidade surge o movimento não-oficial do carnaval carioca:

“O carnaval vem sofrendo uma interferência muito grande da prefeitura, em termos de regras. A gente entende a festa como algo que surge de forma espontânea, porque o povo vai para a rua e faz o carnaval. Essa coisa do bloco ter que nascer no papel seis meses antes de ir para a rua é algo que não aceitamos. Carnaval é isso, uma manifestação espontânea.”<sup>12</sup>

"Não era apenas uma forma de organizar a festa, a gente percebeu também que era uma forma de mercantilização. Decidem quem sai e quem não sai, exigem uma série de medidas que são responsabilidade da Prefeitura como banheiro, limpeza e segurança. Um bloquinho de 50 ou 100 pessoas num bairro não tem condição de bancar como os grandes blocos."<sup>13</sup>

Desde 2009 os grupos “Desliga dos blocos do Rio de Janeiro” organizam anualmente abertura não-oficial do Carnaval como forma de reunir tantos os blocos oficiais quanto os não-oficiais na reivindicação ao excesso de regras e à intervenção da iniciativa privada nos desfiles. O encontro marca o começo do carnaval não-oficial e é organizado prioritariamente através da internet. Em 2016, o evento contou com o maior público, cerca de duas mil pessoas na Praça XV no centro da cidade. Abaixo, trecho do manifesto da Desliga dos Blocos:

“Devemos ser agentes, criando novos caminhos que se bifurcam, inventando o que não foi inventado, criando novas identidades e negando as imposições arbitrárias ou as tentativas de privatização do espaço público. Devemos ficar na rua o tempo todo, livres, cantando e dançando, sem parar. Para isso, é preciso ocupar áreas esvaziadas e subutilizadas durante o carnaval e também recusar o modelo empresarial da Prefeitura, apoiado por associações e blocos dependentes do poder público e do seu projeto de mercantilização da folia. A maior festa carioca deve ser livre, independente e realizada com a disposição dos foliões, pois somos um grupo de pessoas cantando e dançando a felicidade nas ruas. O carnaval é e sempre será um ato político. É a incorporação da arte no cotidiano. Lutar para preservar sua potência é lutar por uma rua que nos é sempre tirada. Avancemos foliões! Viva o carnaval, viva o Zé Pereira e o Saci Pererê. Viva o sorriso doce dos que desobedecem. Em tempos de tanques nas ruas, não retrocedamos, com a certeza de que um dia o exército de palhaços vencerá! (...)”<sup>14</sup>

<sup>12</sup> Entrevista de Luís Otavio, um dos fundadores do Boi Tolo que faz parte do movimento não-oficial do carnaval. Retirado de: <http://extra.globo.com/noticias/carnaval/boi-tolo-bloco-do-contra-que-nao-perde-alegria-1222407.html#ixzz4E9e9HF5h>

<sup>13</sup> Trecho da entrevista de Diogo Carvalho, um dos integrantes da organização Desliga do Blocos. Retirada de: <http://carnaval.uol.com.br/2014/blocos-de-rua/noticias/2014/01/17/blocos-no-rio-decidem-sair-a-revelia-sem-pedir-autorizacao-a-prefeitura.htm>

<sup>14</sup> Trecho do manifesto da organização Desliga dos Blocos. Texto completo disponível em: <http://desligadosblocos.blogspot.com.br/2010/09/manifesto-momesco.html>

Em 2016 a abertura não-oficial do carnaval foi marcada pelo acirramento do conflito entre o modelo carnavalesco elaborado pelo movimento e o poder público. A guarda municipal que acompanhava o desfile dos blocos passou a revistar participantes do evento e a retirar ambulantes irregulares, ou seja, vendedores não-regulamentados pela marca patrocinadora do carnaval “oficial”. Os foliões presentes e integrantes dos blocos interviram na ação policial e o tumulto tomou grandes proporções quando os agentes lançaram bombas de gás e spray de pimenta para repressão da resistência em defesa dos ambulantes<sup>15</sup>.

O episódio da repressão ao evento da abertura do carnaval não-oficial mostra justamente o desejo por um espaço emancipatório, sem a regulação autoritária do poder público. A defesa da presença de ambulantes faz parte da reivindicação do espaço carnavalesco que o movimento deseja articular. Rocca (2012) analisará que cada espaço teria um tipo de ambiência a ser reafirmada ou ressignificada pelo tipo de experiência sensível dos indivíduos. O carnaval compõe um tipo de ambiência de modo a orientar um ritmo urbano, este não ligado ao aspecto funcional do território e sim das formas possíveis de habitá-lo. Tendo em vista isso, as reivindicações contra a prática da revista e a retirada dos ambulantes se referem à defesa de um tipo de ambiência que se deseja articular através de uma experiência menos regulada com o espaço público. Dessa forma, como falamos acima, o que encontramos em disputa não é apenas a apropriação do espaço, mas também o sentido social mediado pela experiência com os lugares da cidade:

“Somos todos iguais, foliões que querem brincar o carnaval. É um encontro de pessoas. Somos totalmente contra a trio elétrico, abadá e corda, que agora estão presentes na nossa folia. Para a gente o importa é que as pessoas se divirtam. Não tem ninguém aqui para contar, mas acredito que ano passado foram cerca de 7 mil foliões pelas ruelas da Praça XV. E cada ano a gente vai para um lugar. Ano passado fomos parar na escadaria da Alerj, mas agora perdeu a graça. Vamos fazer outro caminho.”<sup>16</sup>

Percebemos o retorno atual do carnaval de rua na sua face mais contravérsiva como parte do movimento baseado no ativismo musical (HERSCHMANN e FERNANDES, 2012) que reivindica, sobretudo, a autonomia sobre o espaço da cidade. Dessa forma, é possível notar que a formas festivas do carnaval não-oficial aciona escapes a estrutura normativa cotidiana, de modo que “ocorrem explosões, totalmente fora de controle, que se

<sup>15</sup> Reportagem disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2016/carnaval-nao-oficial-comeca-com-confusao-entre-ambulantes-gm-18401860>

<sup>16</sup> Entrevista de Luis Otavio, um dos fundadores do Boi Tolo que faz parte do movimento não-oficial do carnaval. Retirado de: <http://extra.globo.com/noticias/carnaval/boi-tolo-bloco-do-contra-que-nao-perde-alegria-1222407.html#ixzz4E9e9HF5h>

apresentam como reações, retornos do material reprimido, quando o utilitarismo se tornava forte demais.” (MAFFESOLI, 2009, p. 28).

### **Purpurina, Política e Subversão: As Leis do Carnaval Não-Oficial**

Da Matta (1979) caracterizará o tempo carnavalesco com sendo um tempo cósmico em que por vincular-se ao campo sobrenatural do êxtase, onde se permite inverter a noite pelo dia e abolir os hábitos temporais cotidianos. A temporalidade da festa de carnaval propõe uma atmosfera de renovação em que os indivíduos iniciam o ano: “o ano só começa depois do carnaval”. Esse tempo cíclico e renovador do carnaval pode ser identificado também na construção de suas organizações. Os blocos não-oficiais se constroem muitas vezes a partir de dissidências de blocos maiores ou através da reunião de amigos. Todo ano podemos perceber novos blocos se formando e outros acabando. É um movimento cíclico que renova as temáticas e questões abordadas.

A estrutura dos blocos prioriza a interação, a espontaneidade e proximidade com o público sem utilizar cordas de separação entre músicos e foliões (são intitulados os músicos sem-corda), ou trio elétricos, abrindo espaço para que qualquer pessoa possa tocar. Os desfiles na maioria das vezes não possuem trajeto definido, nem mesmo hora determinada. Como veremos a seguir, a maioria dos blocos não fazem divulgação nem mesmo do dia na intenção de burlar qualquer tipo de antecipação do poder público.

A utilização das brechas e escapes possíveis do cotidiano (DE CERTEAU, 1994) articula formas de vivência baseadas não mais por uma lógica moral racional, estas pautadas nas leis e normas de convivência na cidade, mas sim por uma ética cotidiana particular. O empreendimento de “artes de fazer criativas” no esforço de contornar os modos de vida mais rígidos é que dará a dimensão que este carnaval constrói da “invenção do cotidiano” (DE CERTEAU, 1994). Ou seja, reinventa-se formas de organização, de processos, de fazeres que são diferentes dos modos instituídos, colocando em prática, sob a égide da estética carnavalesca, formas de vida e de desejos articulados no cotidiano. Veremos a seguir as práticas criativas de cada um dos blocos e seus temas:

#### *Boi Tolo*

O Boi Tolo é um dos blocos mais conhecidos e engajados do movimento. O bloco foi criado em 2006 quando antigos foliões do Boitátá se encontraram para desfilar no bloco, mas o desfile acabou não acontecendo. Em 2016, o bloco teve início na Praça XV,

percorreu ruas do centro e foi até o Aterro do Flamengo num desfile que durou 16 horas no total. A estratégia do grupo é o revezamento do time de músicos pertencentes do bloco. As músicas são basicamente embaladas por marchinhas e instrumentos de fanfarra, cena cada vez mais em ascensão na cidade<sup>17</sup>. Dentro do bloco se organizam outros blocos conhecidos pelos foliões como “Bloco das Trepadeiras” que desfila todo ano ao lado do Boi Tolo e aborda questões da liberdade do corpo feminino através das fantasias e da nudez. Por ser um dos mais antigos blocos a desfilar sem autorização da prefeitura, o Boi tolo é um dos porta-vozes do movimento não-oficial do carnaval.

“Somos blocos piratas porque a gente não pede autorização e sai à revelia. A gente simplesmente exerce o direito que a Constituição nos garante de sair e ocupar as ruas livremente, mas não fazemos coisas proibidas. As pessoas são livres para se organizarem pacificamente nas ruas. O Boi Tolo não pede autorização e nem vai pedir. O Carnaval de Rua também é uma manifestação política. Não é só botar o nosso bloco na rua, as grandes bandeiras são contra a mercantilização do Carnaval e da cidade, e pela liberdade criativa no espaço público. Foi uma grande festa sem fim”<sup>18</sup>

### *Bloco Secreto*

O Bloco secreto todo ano faz um desfile completamente inusitado e irreverente. Anualmente o bloco muda de nome e só o revela na hora do desfile: Se Melhorar Afunda, Exalta Rei, Epa Rei, O Centrão Vai Virar Mar, Baianada, Boa Noite Cinderela, Saravaço, Oh Menage!. A cada ano o bloco escolhe um tema de desfile, dia e horários diferentes. Em 2012, os foliões invadiram o aeroporto Santos Dumont no desfile Baianada que homenageava cantores baianos. Em 2014, o bloco terminou seu desfile na Perimetral com "uma versão carnavapocalíptica do Baile da Ilha Fiscal"<sup>19</sup>. Em 2016, o bloco terminou o desfile nas fontes do Museu do MAR.

“Eles estão nessa pelo carnaval, não para se promover nem muito menos para ganhar dinheiro. A maioria das pessoas nem sabem quem são os organizadores do bloco, quando começaram ou que blocos criaram no passado. E eles são super criativos, sempre aparecem com uma novidade, um elemento diferente que pode ser na música, no local, no horário — destaca Pedro Esteban, já fotografou inúmeros desfiles do bloco”<sup>20</sup>.

### *Vimos do Egipto*

<sup>17</sup> Sobre a cena das neo-fanfarras no Rio de Janeiro ver “[Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das \(neo\) fanfarras no Rio de Janeiro](#)” (HERSCHMANN, 2014).

<sup>18</sup> Entrevista concedida por Diogo Carvalho, um dos integrantes do Boi Tolo. Disponível em: <http://carnaval.uol.com.br/2014/blocos-de-rua/noticias/2014/01/17/blocos-no-rio-decidem-sair-a-revelia-sem-pedir-autorizacao-a-prefeitura.htm>

<sup>19</sup> [www.lacambuca.blogspot.com.br](http://www.lacambuca.blogspot.com.br)

<sup>20</sup> Entrevista concedida por Pedro Esteban que já fotografou inúmeros desfiles do bloco. Disponível em: <http://www.portaldoholanda.com.br/brasil/sem-autorizacao-oficial-bloco-secreto-desfila-incognito-pelas-ruas-do-rio-ha-dez-anos>

O Viemos do Egyto foi criado em 2011 e toca músicas antigas de axé. O bloco possui grande adesão do público homossexual, transexual e bissexual e reitera questões como liberdade de gênero e luta contra homofobia nos seus desfiles. Em 2016 o bloco realizou o "Ritual Trybal de transmumificação y despacho do Eduardo Cunha".

“A gente nasceu independente e acha isso vantajoso, especialmente pela locomoção. No Rio e também em São Paulo, o processo burocrático é tão grande que acaba com a orgia que é o carnaval. Quando a gente trabalha com pessoas na rua, a gente tem que sentir a energia, a troca. O Viemos do Egyto tem um caráter político performático super inclusivo, nosso microfone fica aberto, as pessoas podem falar, mas não queremos que o nosso público se afaste da nossa essência e vire uma multidão de gente com chapéu Panamá da Antártica”<sup>21</sup>.

### *Amigos da Onça*

Os amigos da onça saem desde 2012 pelas ruelas do centro da cidade na madrugada. Em 2016 o desfile começou às 3h da manhã de terça e terminou às 11h. O desfile se desenrola através de músicas próprias e também releituras que falam sobre o uso de drogas e sobre profanação de autoridades políticas. É possível notar também a colocação da questão da liberdade do corpo feminino, articulado pelo grupo das “Oncetes”, onde muitas foliãs circulam nuas ou semi-nuas.

“O bloco começou em 2012 e é um movimento espontâneo. Escolhemos sair de madrugada porque queremos ter o Centro disponível para a gente e de dia isso seria impossível.”<sup>22</sup>

“Fazemos um carnaval no momento, na hora. É sensacional sair num bloco na madrugada, sem uma rota exata, mas com todos curtindo juntos. O que me atrai é o Centro vazio; esse cenário utópico, diferente do usual, de correria e stress. É muito bom poder colocar uma fantasia nesse lugar onde, durante o ano inteiro, precisamos andar arrumados. O carnaval é um tempo de eventos inacreditáveis, e não tem nada mais surreal que um cortejo no Centro do Rio na madrugada”<sup>23</sup>.

### *Bunytos de Corpo*

O bloco foi criado em Recife e em 2012 fez seu primeiro desfile não-oficial no Rio de Janeiro. O tema do bloco é uma sátira ao culto da beleza e dos padrões estéticos. O traje oficial do desfile são as roupas de malhar. As últimas edições do desfile foram tematizadas como "Nada Sincronizado" e "Salto com Pau de Selfye".

“O nome é uma brincadeira com essa coisa do culto ao corpo. Isso das pessoas dizerem ‘bonito de rosto’, ‘de corpo’, ‘de cabelo’. O Bunytos é uma festa para se celebrar. No

<sup>21</sup> Entrevista concedida por Mariano Mattos, um dos organizadores do bloco. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/02/sem-hora-e-lugar-marcados-blocos-nao-oficiais-ganham-publico-fiel-no-rio.html>

<sup>22</sup> Entrevista concedida por Yara Cassano, danlarina do bloc. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/02/sem-hora-e-lugar-marcados-blocos-nao-oficiais-ganham-publico-fiel-no-rio.html>

<sup>23</sup> Entrevista concedida por Thadeu Marinho, trompetista do bloco. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2016/amigos-da-onca-arrasta-multidao-ao-centro-durante-madrugada-18>

primeiro ano, saímos em 15 pessoas, no final, tinham umas 100. Em 2015, chutamos umas duas mil. Cresceu bastante, mas não temos intenção de oficializar. É muito complexo, são marcas de cerveja como patrocinadoras, e não é essa a nossa vibe. A gente quer fazer uma parada underground anárquica alternativa, não tem preocupação e nem estratégia para se crescer. Por enquanto, só estamos preocupados em ter um som melhor, para que mais gente possa curtir”, diz ele.

Como vimos acima, a recusa de um vínculo institucional com a regulação da prefeitura facilita a composição de uma atmosfera contestadora interessante, revelando formas criativas e ricas de contestação da ordem vigente. É interessante notar que diferentemente do movimento de coletivos engajados, as causas e lutas ficam entregues ao êxtase e efeito estésico do carnaval de rua, como se apresentassem sua forma mais visceral, onde se entrega o corpo como veículo máximo do desejo e subversão de tabus vigentes. A linguagem em que apresentam as reivindicações, sensações de mundo e liberações está impregnada da lógica carnavalesca baseada no avesso, na degradação, profanação e pelas formas de blasfêmia<sup>24</sup>.

### Considerações Finais

Dissemos anteriormente, o carnaval é a teatralização da vida pela própria vida. O movimento estudado representa uma metáfora exagerada de um movimento de engajamento e subversão que tem início na experiência da vida cotidiana da cidade. Logo, “(...) do ponto de vista de uma sociologia do cotidiano, não é apenas importante aquilo que fixa regularidades da vida social; é também importante aquilo que a perturba” (PAIS, 2007 apud LEITE, 2010). O carnaval de rua na sua face degradada, exagerada e contestadora nos apresenta uma dimensão teatralizada de uma atmosfera urbana impregnada pela disputa de sentido “societais”. Quando utilizamos a noção *societal* de Maffesolli, buscamos entender que o que está em jogo não é apenas o que está posto no *social*, mas uma dimensão humana mais larga que está relacionada à formulação emocional de grupos, à experiência sensível do corpo nos espaços e aos escapes de desejos e vontades coletivas.

A pesquisa inicial deste movimento revelou a construção de elaborações que fervilham no cotidiano, a partir do coletivo, que ao se construírem na religação ao outro, constroem formas criativas e solidárias de vida. Podemos entender que o carnaval não-

---

<sup>24</sup> As formas de linguagem do carnaval medieval fazem parte do que Bakhtin chamará de um “sistema de imagens da realidade grotesca” que se caracteriza pelo “mundo ao revés” nas diversas formas de paródias, degradações a divindades, culto ao exagero e profanação do baixo corporal. (BAKHTIN, 1987).

oficial demarca um espaço afetivo do encontro, podendo este ser efêmero e provisório, mas que no ato marca uma experiência com a própria existência e com um mundo dos sonhos.

A vivência festiva do carnaval “clandestino” demonstra o triunfo de uma alegria dionisíaca por onde se experimentam articulações coletivas inovadoras na reivindicação de uma vida menos regrada e mais ligada à sensibilidade do corpo e seus desejos. Assim sendo, buscamos posteriormente nos aprofundar no estudo sobre o carnaval não-oficial do Rio de Janeiro na sua riqueza em explorar justamente “humores e entusiasmos secretos do corpo social, rodeados de vibrações do mundo que compõem nossa pós-modernidade” (MAFFESOLLI, 2000).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch; VIEIRA, Yara Frateschi. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BARROS, Maria Teresa Guilhon M. de. **Blocos : vozes e percursos da reestruturação do Carnaval de rua no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: FGV – 2013.
- FARIAS, Edson. **O desfile e a cidade: o carnaval-espetáculo carioca**. Editora E-papers, 2006.
- FERREIRA, Alvaro. O projeto de revitalização da zona portuária do Rio de Janeiro: os atores sociais ea produção do espaço urbano. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, n. 14, p. 31, 2010.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. Territorialidades sônicas e resignificação de espaços do Rio de Janeiro. **Logos**, v. 18, n. 2, 2012.
- HERSCHMANN, Micael. Ambulantes e prontos para a rua: algumas considerações sobre o crescimento das (neo) fanfarras no Rio de Janeiro. **Logos**, v. 2, n. 24, 2014.
- HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. 2014.
- LEITE, Rogerio Proença. A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. **Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro**, v. 53, n. 3, p. 737-756, 2010.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 1979.
- MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Editora Vozes, 1998.
- MAFFESOLI, Michel. Michel Maffesoli: o imaginário é uma realidade. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 1, n. 15, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **Homo eroticus: comunhões emocionais**. Grupo Gen-Editora Forense, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- REZENDE, Renato. “Afinidades eletivas”. In REZENDE, Renato; SCOVINO, Felipe (orgs.). **Coletivos**. Rio de Janeiro: Editora Circuito, 2010, pp.5-9
- LA ROCCA, Fabio. Ambiências climatológicas urbanas: pensar a cidade pós-moderna. **Comunicação e Sociedade**, v. 18, p. 157-164, 2012.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- SIMAS, Luiz Antonio et al. **Roda dos saberes do Cais do Valongo**. 2015.